

O processo mental na obra de Gregory Bateson¹

Rosana Rapizo

É uma honra para mim que este texto faça parte de uma homenagem ao fantástico pensador Gregory Bateson. Porém, o agradecimento não é só pela oportunidade de participar, mas pelo processo que desencadeou em mim e que resultou neste artigo. Quando recebi o convite do Instituto NOOS e aceitei o desafio de construir uma fala sobre o processo mental em Gregory Bateson, mergulhei no “clima” mágico do mundo batesoniano. . Algumas vezes na vida, desde que há mais ou menos 17 anos li pela primeira vez GB, percebo que a leitura de seus textos sempre leva a um mergulho em um outro mundo, uma realidade paralela que vai se impondo á medida em que se conversa com os textos. Já há algum tempo, por motivos variados, minhas leituras de Bateson andavam mais esparsas. A concentração que precisei ter de leituras para achar que podia cumprir a tarefa, me levou de novo para este clima diferente que implica em, de repente, ter um olhar novo para tudo o que acontece a sua volta. Um olhar que vê coisas que habitualmente não vemos. Bruxaria? Mágica? Certamente não é o olhar da ciência tradicional que separa para compreender, mas o de uma ciência que combina rigor e poesia, que traz com ela o sagrado. Um olhar que liga, combina e conecta coisas com coisas, interminavelmente. Que só concebe a compreensão como fruto de conexões e só compreende as coisas se as conecta. Bateson foi um pensador importante para todos os que têm participado da tão falada mudança de paradigma da ciência. Falaremos mais de sua visão de ciência adiante.

Queria continuar contando a vocês o contexto que resultou neste texto. Além do mergulho na obra de Bateson, no seu jeito de pensar, no “clima”, como chamei, resolvi ver um pouco do que se pensava sobre Gregory Bateson. Já havia lido algumas coisas, especialmente de sua filha Mary Catherine¹ e em um livro organizado por Yves Winkin², além de muito do que se escreveu sobre ele no campo da terapia de família. Mas, fora deste campo, quem seria Gregory Bateson? Assim, fui “conversar” com pessoas da antropologia, da comunicação, da filosofia, da educação, entre outros. Um pouco destas conversas é o que tenho para dizer hoje para vocês. Além disto, procurei

¹ Texto produzido para apresentação no evento comemorativo ao centenário de Gregory Bateson pelo Instituto NOOS em 18 de setembro de 2004.

trazer a voz de Gregory para nós. Algumas citações e histórias que ele contava freqüentemente e, principalmente as minhas favoritas estarão presentes.

O terceiro ponto que gostaria de mencionar para compreendermos o contexto da minha apresentação hoje é que falarei de Bateson de uma forma muito particular. Quando recebi o convite para construir este texto - apresentação, precisei escolher um título, um tema. Sobre o que escreveria? Era uma pergunta difícil, poderia falar sobre quase qualquer coisa e o medo, a ansiedade não me deixavam pensar muito bem em que ponto da obra de Bateson poderia me concentrar? Por momentos considerei a pergunta era grande demais para mim. Durante anos dei aulas no ITF sobre Bateson, coordenei vários grupos de estudo sobre sua obra e não conseguia responder à pergunta “qual tema você vai abordar?”. Ora, sobre Gregory Bateson... Mas qual parte? Qualquer assunto que você fale sobre a ecologia das idéias, puxa um outro e se conecta com outro e assim por diante. Bom, para dar uma resposta que pudesse estar na divulgação do evento, segui um raciocínio que envergonharia de certa forma a meu mestre. Pensei, bom, sou psicóloga, terapeuta de família. Psicólogos falam e gostam de falar sobre mente, cabeça, estas coisas, então acho que como psicóloga vou falar do processo mental, da mente. E assim, resolvi: “Vou falar sobre o processo mental porque sou psicóloga”. Se conhecem algo sobre Bateson, vocês já devem saber porque ele detestaria esta resposta. A tal divisão do mundo nestas categorias e compartimentalizações que separam e tornam invisíveis as relações sistêmicas e o todo, é tudo o que ele abominaria, especialmente a separação entre mente e corpo. Além disto, o que eu mais gosto na obra de Bateson é poder revolucionar a forma de categorizar a realidade tão estanca que a ciência e a nossa vida cotidiana nos habituam a fazer. Tudo bem poderia falar do processo mental que é uma das coisas que mais me fascina em Bateson, justamente a forma como ele revoluciona o conceito de mente e ajuda, do meu ponto de vista a nós psicólogos, a ampliarmos nosso olhar para além das divisões que estamos acostumados a aprender na universidade: mente é separada de corpo, filosofia é separada de ciência e de religião, o que a gente pensa é separado da nossa biologia, eu sou um indivíduo, separado de você, e de você, e do meu meio ambiente e da minha história enquanto espécie, etc... Bom, então este era um bom tema. Ao começar aquele mergulho do qual lhes falei agora pouco fui me conectando com algo que já sabia e que sempre soube: O processo mental é a obra de Bateson. Tudo o que ele fez resulta em uma síntese que podemos resumir em: processo mental. Então era grande demais para que eu pudesse dar conta aqui. Foi nestes movimentos de angústia e às vezes alegria, que fiquei estes meses desde o

convite até agora. Alguns amigos sabem disto porque acompanharam e me ajudaram como interlocutores preciosos. A eles também agradeço. O resultado de tudo isto, é uma síntese absolutamente particular e pessoal, com minha codificação, como só poderia ser, do que aprendi com a leitura dos textos de Gregory Bateson e das pessoas que escreveram sobre ele. Também vale a pena acrescentar que conheço Bateson como terapeuta de família. Para os que não estão familiarizados com o campo, Bateson é uma das peças fundamentais no nascimento da terapia de família, mas, fato repetido em sua vida, nunca fez parte deste movimento que quase que involuntariamente ajudou a criar. Algumas das pessoas que trabalharam com Bateson no projeto sobre comunicação, mais especificamente na hipótese sobre comunicação na esquizofrenia, tornaram-se fundadores da primeira onda da terapia de família e começaram mesmo a ver famílias juntas por ocasião deste projeto³. A fundação do Mental Research Institute em Palo Alto foi resultado direto da convivência dos profissionais que atuavam no projeto Bateson que deu origem ao famoso conceito de duplo vínculo. Porém, Bateson jamais, como às vezes equivocadamente se considerou, foi terapeuta de famílias, atendeu famílias ou dedicou-se a criar ou pensar sobre como fazer isto. Bateson por uma série de circunstâncias de sua história pessoal e ao longo do tempo por coerência com seus próprios caminhos intelectuais era muito pessimista em relação a qualquer pensamento que resultasse em uma fórmula de intervenção na ecologia, fosse ela das idéias, das relações, da natureza, o que dá no mesmo.

Mas, voltando, meu olhar para Bateson é o olhar de alguém que foi formado psicólogo, que é terapeuta de família há mais de 20 anos e que, mesmo que tenha ampliado o contato e buscado outras formas de olhar, que tenha tido um olhar crítico para o lugar de Bateson na história do conhecimento que em muito amplia este do qual o conheci, não pode deixar de mencionar que esta é, certamente, a marca original para minha leitura de sua obra.

Durante a minha apresentação, além dos pontos que já mencionei e que desenvolverei mais adiante, farei um breve perfil de Bateson que, agregado ao que meus colegas de mesa já fizeram, pode nos ajudar a compreender algumas coisas. Depois tentarei apresentar a vocês algo sobre o processo mental que selecionei para hoje. O processo mental, como já mencionei, é a síntese e o resultado de toda uma vida de tentativa de entendimento da Natureza de um homem. Portanto, seria pretensioso demais achar que vou poder esgotar isto em um pequeno texto. Assim, selecionei alguns pontos que a mim mais são caros: a descrição mesma do processo mental, as discussões sobre o

monismo Batesoniano, suas reflexões sobre a consciência e o propósito e as conseqüências disto para ele. Minhas fontes principais em sua obra para hoje serão Os textos do Steps⁴ sobre Propósito Consciente e Natureza^{5,6} e forma, substância e diferença. O livro Mind and Nature⁷ e o Angel's Fear⁸, especialmente o capítulo sobre o processo mental. Como falei, não é possível fazer separações muito claras entre partes da obra de Bateson. Estas referências são apenas as que concentram mais elementos para hoje e especialmente os textos do Steps, pelos quais tenho um carinho especial, puro gosto.

Queria falar um pouco sobre o perfil de Gregory Bateson. Faço isto, não ou, pelo menos não só, porque sou psicóloga, mas porque como diz Yves Wilkin, Gregory Bateson não é um pensador sem rosto. Quando lemos Bateson, faz toda a diferença saber como ele era, de onde veio e entender sua originalidade. Diz ele: “Há pensadores sem rosto. Suas idéias são suficientes. Sua cara não diz nada ao leitor. Com Bateson é diferente. Ver uma fotografia do homem é compreender a metade de suas idéias. Conhecer sua vida é compreender a outra metade ou quase.”⁹

Bateson era uma pessoa diferente. Fora dos padrões físicos, de vida, etc. E esta foi uma marca importante de sua obra. Ao mesmo tempo à frente de seu tempo e anacrônico. Podia ter idéias que só 20 anos mais tarde seriam devidamente elaboradas. Podia intuir coisas para as quais em sua época não tinha recursos para continuar trabalhando, podia revolucionar toda a metodologia de análise de dados na antropologia, como podia se apegar a conceitos como os Tipos Lógicos a despeito de toda a crítica que era feita a ele e continuar usando-o em sua peculiar interpretação.

Uma das características mais importantes de sua obra é a forma como é escrita. Paul Dell, um terapeuta de família disse certa vez que Bateson não pensava sobre sistemas, pensava sistemicamente¹⁰. Portanto seu pensamento, suas questões sempre têm um encadeamento inescapável com todas as outras. Também gostava de trabalhar por metáforas e analogias e como buscava o padrão que conecta todas as coisas, achava que podia pensar sobre coisas tão diversas como amebas, prímulas e esquizofrênicos aplicando o mesmo raciocínio. Acreditava, e isto é fascinante, que a explicação para a comunicação interna que fazia uma prímula ser uma prímula tinha a mesma estrutura lógica que a comunicação que fazia uma criança aprender a ler ou um cachorro e outro saberem que estavam brincando e não lutando. Então, ele falou de tudo, ou quase tudo e, ao mesmo tempo estava falando de uma só coisa. Isto fez com que, assim como em sua vida, Bateson acabasse muitas vezes sem pertinência. Sempre foi difícil sua

aceitação nos meios mais tradicionais, assim como nos mais alternativos. Era difícil conseguir subsídios para a pesquisa, era incômodo ceder a pressões de uma ciência na qual ele não acreditava, assim como era incômodo se colocar ao lado dos alternativos. Ao mesmo tempo todos achavam que ele estava falando do que eles também estavam falando e ele sempre dizia que as pessoas não entendiam do que ele falava. As pessoas mesmo diziam não saber sobre o que Bateson falava. Isto criava certa aura de mistério à volta de sua figura, mas ao mesmo tempo, um isolamento. Consta em algumas de suas biografias que este despertencimento foi sofrido para ele em muitos momentos de sua vida. Para Sua filha Mary Catherine, como diz na introdução que fez à nova edição do Steps: “Não era claro, mesmo para Gregory, que seus díspares, elegantemente arranjados e discutidos ensaios, os ”passos” deste título, eram sobre um único assunto: a ecologia da mente. Conheciam-no como um pioneiro na antropologia visual, enquanto uma comunidade profissional separada, conheciam-no como um pioneiro da terapia de família. Cada grupo de profissionais tendia a ver o que não se encaixava em seu marco conceitual como uma digressão, ou mesmo uma deslealdade.”¹¹ Assim os especialistas em golfinhos e baleias liam os textos que escreveu sobre golfinhos e baleias, especialistas em alcoolismo liam seu texto sobre alcoolismo para iluminar suas questões e temas estreitamente definidos sem se darem conta de que eles eram apenas ou, muito mais do que isto, exemplos de questões muito mais amplas. Algumas vezes, segundo Mary Catherine, “Gregory deve ter dado a impressão, mesmo a seus mais ferrenhos admiradores, de se dedicar a assuntos e então abandoná-los. Algumas vezes, ele mesmo deve ter sentido que fracassou em uma disciplina após a outra. Sem uma identidade profissional clara, ele não tinha uma base profissional confortável nem uma renda segura. Ele também se tornou um ”outsider” de outras formas. A sua jornada foi, por muitos e muitos anos, muito solitária e desencorajadora. Caracterizada por um pensamento muito distante de um objeto específico e concreto”.¹²

Por curiosidade, em uma das viagens que fiz em busca de inspiração para falar hoje, resolvi entrar na internet e colocar em um site de busca o nome Gregory Bateson, apareceram, só em inglês, que foi a língua que pedi, mais de 17 000 referências a ele. Claro, não pude examiná-las todas, mas fiz um passeio razoável por elas. Descobri alguns textos e algumas citações que não conhecia, mas o que mais me impressionou e que resolvi conversar com vocês foi a variedade de assuntos destas citações, das que eu pude ver, claro. Encontrei referências, citações sobre Bateson ou de seus textos e idéias em temas como biodiversidade, paranormalidade, feng shui, neurolinguística, terapia de

família, antropologia, cognição, ecologia, alquimia, administração, biotecnologia, hermenêutica, comunicação, gerenciamento organizacional, arquitetura, educação, biossíntese, espiritualidade, budismo, psicanálise, sociologia, teatro, ética, estética, psiquiatria, terrorismo, semiótica, etc. Posso supor então que Bateson conseguiu de alguma forma o que tanto almejava: encontrar um modelo sobre a comunicação e o conhecimento que pudesse descrever o padrão que conecta, em palavras suas “o caranguejo à lagosta e a orquídea com a primula? E o que une os quatro comigo e a mim com vocês? E a nós com a ameba, por um lado e como o esquizofrênico internado pelo outro?” Por outro lado percebe-se que muitas vezes corta-se a obra de Bateson em partes, aproveitando-se o que se acha conectado com seu assunto. Assim, na psiquiatria e na terapia de família especialmente, o conceito de duplo vínculo é considerado importante, mas nunca é conectado com a epistemologia Batesoniana no qual ele está contextualizado e contextualizou. Segundo Mary Catherine Bateson: “Se vocês cortam sua obra em pedaços, segundo o tipo de dados que estudava, como se ele trabalhasse em temas essencialmente diferentes, não poderão perceber a continuidade de seu pensamento. Pelo contrário, se consideram antes as idéias abstratas que ele adiantou – a maioria se refere à teoria dos tipos lógicos e à cibernética – será fácil vê-las como procedentes do desenvolvimento da elaboração e integração progressiva de umas poucas idéias fundamentais, inclusive de uma só idéia”.¹³ Que era o processo mental.

O que Bateson chamou de processo mental foi elaborado lenta e progressivamente em sua obra. Estudando a comunicação Bateson foi construindo a idéia de que os processos pelos quais acontecem o pensamento, a evolução biológica, e a comunicação de um forma ampla, eram semelhantes em sua lógica. Esta lógica era sistêmica ou, mais exatamente, cibernética. A cibernética com sua idéia de cadeias circulares de causalidade, retroalimentação, auto-regulação, trouxe a Bateson a ratificação de sua incompatibilidade com o pensamento cartesiano, que dividia mente e corpo, como substâncias diferentes.

Em uma conferência organizada por ele em 1976, na Califórnia, intitulada “O dualismo mente/corpo” ele diz em seu artigo convite: “a natureza problemática do que vamos discutir foi em muito incrementada por aquelas filosofias e religiões que separam a mente do corpo. Igualmente culpados são aqueles que separariam o Criador dos produtos de sua Criação e aqueles que negam características mentais e espirituais aos outros componentes da biosfera que não o homem. Cada uma destas posições propõe o mesmo dualismo e espero que sejamos capazes de concordar desde o início que as

antigas divisões entre religião "sobrenatural" e ciência "materialista" são artifícios de uma falsa divisão e produtos do encontro entre uma teologia não sofisticada e uma ciência igualmente simplista".¹⁴

A cibernética, movimento do qual Bateson participou ativamente, olhava o mundo como interligado, valorizava a interação e auto-regulação dos processos. Bateson se interessava por comunicação e pensamento e a cibernética lhe pareceu um excelente modelo para entender estes assuntos. Então, suas perguntas básicas são sobre como nascem e sobrevivem as idéias, como interagem as idéias. Em resposta a estas perguntas desenvolveu o que chamava de ecologia das idéias. Mas, idéias para ele eram mais amplas do que o convencional. Ele conta que começou a se dar conta do que efetivamente estava fazendo em 1968 escrevendo a conferência "Forma, substância e diferença"¹⁵ para a Conferência Korzybsky. Foi então que percebeu que seu trabalho com os povos primitivos, com a esquizofrenia, simetria biológica e com seu descontentamento com as teorias correntes sobre evolução e aprendizagem, estava estabelecendo as fundações e os marcos de um novo território científico. Ao perguntar-se sobre a comunicação, sobre a interação, sobre a evolução e buscar os padrões que conectavam os processos e os que conectavam os processos de processos, chegou a um novo modo de pensar, uma nova epistemologia, como ele dizia. Ele sabia que a ciência que estava criando era a ciência da forma, dos padrões e não das substâncias. Era a ciência que estudava a organização, e especialmente, a organização do vivo. O que definia a fronteira entre a sua ciência e a ciência tradicional era a importância determinante do contexto e do significado. Os **contextos** são padrões, esquemas construídos em experiências, na prática pela integração da experiência em curso com o adquirido em experiências anteriores. Os conceitos Batesonianos levam em conta algo que a ciência tradicional deixou bastante de lado: a temporalidade. Processos são interações no tempo. Impulsionados por um antes e atraídos por um depois. O contexto é inseparável, porém não redutível ao tempo. O contexto é o marco para os acontecimentos. É sinônimo de ecologia ou dos diferentes sistemas imanentes aos fatos no momento em que são observados, constituindo e sendo constituído pelas redes de relações, sempre em transformação, lenta ou rápida, que preexistem à eclosão do fenômeno: a evolução biológica, o ecossistema, o estado da gramática e dos sistemas de comunicação não verbal, as tramas da vida social e todo o peso da historicidade que influem nela. Por isso Bateson diz que quando você simplesmente vê uma flor vê muitos mil anos de evolução biológica da flor e da flor em seu meio ambiente, são

infinitas histórias evolutivas conectadas. Uma boa metáfora para contexto é a história. Bateson gostava de pensar que o tecido do vivo são histórias. Processos no tempo, tramas complexas sobre a forma de estar conectado que chamamos pertinência.

E, como os agregados de sistemas vivos que incluíam amebas e evolução filogenética, pensamento humano enfim, tudo o que era vivo ou, como ele dizia do reino da Criação, tinha a ver com a comunicação, com a informação e com os circuitos circulares de causalidade, com auto-regulação, Bateson incluiu todos os fenômenos do mundo vivo e, na verdade a própria natureza sistêmica do vivo sob a denominação de Mente. Assim, sistemas e subsistemas vivos, em conexões complexas poderiam ser descritos como processo mental.

É por este caminho então que Bateson descreve utiliza a metáfora “mente” para descrever o aspecto dinâmico e autoorganizador de todo sistema vivente com um mínimo de complexidade organizacional. “O que chamo mentes ou processos mentais são, na verdade, acontecimentos na organização, na relação entre partes. Não se deve, portanto, ver nessa ‘mente’ um ressurgimento de um mentalismo, espiritualismo ou panteísmo qualquer”¹⁶. O conceito de mente de Bateson integra no seio de uma nova epistemologia um conjunto, como já vimos, muito amplo de fenômenos aparentemente muito diferentes, mas na verdade muito próximos por sua organização. Para Bateson a ecologia da mente é a ecologia do padrão, da informação e idéias que estão encarnadas em formas materiais. Dito de outra forma um sistema capaz de processo mental é um sistema que tem capacidade para responder à informação de maneira autoreguladora, uma característica de todos os sistemas vivos, de células a florestas e civilizações. A mente é composta de partes materiais múltiplas, cuja organização permitem o processo e padrão mental. Importante para evitar qualquer forma de mentalismo transcendente é entender que a mente Batesoniana é inseparável de sua base material. Uma mente pode incluir partes não vivas, assim como múltiplos organismos. Ela não é definida necessariamente por fronteiras como a pele e a consciência não é uma condição para sua existência. Esta visão da mente é completamente revolucionária para nossa cultura individualista. Já que o indivíduo não possui uma mente, mas está conectado a um processo mental maior e o cérebro é uma das encarnações materiais deste processo. A unidade de sobrevivência nunca é o organismo individual, mas a relação entre o organismo e o meio ambiente.

Enquanto no mundo não vivo a força e o impacto determinam os acontecimentos, no mundo vivo, do processo mental, a informação é que move os processos. As

informações são para Bateson, notícias de diferença. Segundo ele o sistema compara e computa diferenças (contrastes de forma, adição, subtração, razão, entre o fora e o dentro, entre o esperado e o que acontece, etc.) no tempo. A diferença não está em um sistema ou em um evento, a diferença está sempre entre duas coisas, é uma relação. A informação é a notícia que chega ao sistema destas diferenças. Para o mundo da informação, o que não acontece pode ser uma informação. Os sistemas têm sua forma de codificar e transformar as diferenças. O conhecimento delas e a transformação não são objetivos. O mapa não é o território e as regras de codificação não são o mapa também.

Bateson também equiparava a informação à idéia e cunhou a célebre frase que uma idéia ou informação é toda “diferença que faz diferença”. Ou seja, que faz diferença naquele sistema de acordo com a forma que ele funciona e com suas regras de codificação as diferenças. Os sistemas transformam em padrões diferenças aleatórias, combinando com seus padrões prévios. Aqui entra a importância do tempo para Bateson. A mudança é a diferença que faz diferença no tempo e as diferenças têm muita relação com a comparação entre momentos distintos. A temporalidade é importantíssima para Bateson.

As características básicas do processo mental são²:

1. Partes em interação, organizadas de uma determinada forma. O que importa não é as características dos componentes, mas a forma da organização. Ela deve ter uma complexidade que permita a reação à diferença. Em geral isto significa circuitos circulares ou mais complexos que permitam a auto-regulação e autocorreção do sistema.
2. Ter capacidade de reagir à diferença. Para Bateson a diferença, no mundo do processo mental é análoga à causa.
3. Ser capaz de não depender da energia externa. Ou seja, ter a sua própria energia, produzi-la ou armazena-la. Isto permite a reação à diferenças que não transmitem sua própria energia (ausências, silêncios, não acontecimentos).
4. Estes processos estão organizados de forma hierárquica em termos de complexidade e abstração. Em níveis, diríamos, de forma que algo que acontece

² Os critérios para definir o processo mental existem em vários textos de Bateson em formatos diversos. Podem ser melhor explorados em várias obras de Gregory Bateson e Mary Catherine Bateson. Ver referências.

no sistema tem repercussões diferentes para diversos níveis do sistema e um nível pode funcionar como correção de outro.

5. Toda mente está encarnada em alguma base física. A mente é imanente aos processos físicos. Não há para Bateson qualquer transcendência na noção de mente.

Estas características implicam que nosso conhecimento do mundo depende de nossos mapas e de como os fazemos. E, mais importante que tudo as características do processo mental se aplicam a nós mesmos. “O que acreditamos ser nós mesmos deve ser compatível como o que acreditamos do mundo a nossa volta”. Como diz Bateson em sua conferência sobre o dualismo mente-corpo: “Uma descrição do comportamento ou anatomia de algo vivo deveria relacionar – ser uma ponte entre – nossa forma de conhecer e a forma do sistema que estamos descrevendo”.¹⁷

Esta forma de conhecer e esta relação entre o conhecedor e o conhecido é o que Bateson chamou de epistemologia.

Todos temos uma epistemologia, as culturas promovem epistemologias, temos vários níveis em que podemos considerar a epistemologia, mas devemos enfatizar dois aspectos. Nas palavras de Bateson: “Considerar o caráter auto-validante de todas as epistemologias. Em que extensão, adotando uma dada epistemologia, tornamos o sistema “verdadeiro” ou verdadeiro para nós?” e “Considerar algumas das peculiaridades do processo e relacionamento que acompanham várias visões epistemológicas. Devemos considerar tanto as experiências da cultura, da formação do caráter, etc que promovem tipos particulares de epistemologia e como os resultados de qualquer epistemologia e particular são refletidos nas relações humanas, ações, arte, religião, humor, política, exploração, etc.”¹⁸

A teoria sobre a mente Batesoniana é revolucionária também em um ponto, especialmente caro a nós psicólogos. Ela revê a idéia de indivíduo e a tradicional oposição - mais um dualismo de nossa cultura - entre indivíduo e sociedade. Ele achava que o enfoque puramente psicológico do indivíduo deixava de lado o caráter cultural da aprendizagem dos sentimentos ou idéias. Ao contrário, colocando toda a ênfase no social e cultural, não vemos que o potencial de mudança das idéias também passa pelo indivíduo. Ele apostava que a mudança de pensamento deveria começar pelo indivíduo. Só que o indivíduo, para uma visão sistêmica, é sempre pensado como um sistema de relações, de interações, desde as mais imediatas às mais estendidas. “A esquizofrenia, a

aprendizagem de segunda ordem, o duplo vínculo, não podem limitar-se ao campo da psicologia individual, mas dependem da ecologia de idéias, organizadas em sistemas ou mentes cujas fronteiras não coincidem com os limites dos indivíduos que participam nelas”.¹⁹ Ao interagirem os indivíduos põem em ação processos intelectuais e emocionais codificados e normalizados pela cultura, métodos de percepção, modos de pensamento. Nada disto é categoria permanente da mente humana, mas atualizações contextuais. O que chamamos mente individual é imanente não só ao corpo, mas nas vias e mensagens exteriores ao corpo. Além do que cada indivíduo é um subsistema de outros tantos capazes de processo mental. O que parece ser nosso interior, ou ‘self’ para alguns dos psicólogos, não tem uma natureza material, não é uma entidade, mas uma forma de nos referirmos a nossa auto-consciência. Um processo.

A nova ciência que Bateson propõe, portanto, é uma ciência da mente. A ecologia da mente que também pode ser chamada de epistemologia. A ecologia da qual Bateson fala inclui a compreensão da interconexão cósmica, da natureza e do homem. E, ele chega à conclusão que esta epistemologia o leva para perto do sagrado, de onde os anjos mesmo temem chegar, que é a consciência da unidade de todas as coisas. A unidade mente-corpo, ser e ambiente é definitiva, não só uma questão de fato, mas de ética, de integridade. Unificar é religar, é sacralizar... Em *Angel's Fear*, seu livro póstumo com sua filha ele reflete: ”O que é preciso para lidar de maneiras mais complexas com os relacionamentos? Isto requer modos de ver que afirmam nossa complexidade e a complexidade sistêmica de outros. Estes modelos propõem a possibilidade de constituir juntos um sistema inclusivo, uma rede mental comum da qual participem elementos daquilo que é inevitavelmente misterioso. Tal percepção, tanto de nós mesmo como dos outros é a afirmação do sagrado. A sacralidade é a visão da totalidade complexa, o entendimento da auto-regulação, da auto-produção, da autocorreção e da autocura. É o sentimento de pertencer, de encaixar-se de fazer parte de uma unidade. Nossa perda do sentido da unidade estética foi um terrível erro epistemológico”.²⁰

Porém antes de chegar à sua síntese do que seria a Mente, e durante todo o percurso em que elaborou sua teoria, Bateson se deu conta de que a natureza sistêmica da natureza e da mente humana era obscurecida pela consciência. Em uma conferência em 1968, apresenta seu artigo sobre Propósito Consciente e Natureza²¹. Bateson, questionando o modo dualista de pensar do homem ocidental, se dá conta que esta forma de pensar não nos deixa ver a natureza sistêmica de todas as coisas. Percebe que o raciocínio de causalidade linear do tipo $A + B = C$ ou se p então q era característica de nossa

consciência. Quando você leva em conta um sistema mais amplo, percebe que nem tudo o que acontece em partes deste sistema tem a mesma relevância para o sistema como um todo. Assim, em uma floresta o que acontece com uma determinada planta vai ter uma influência diferente para partes diferentes do sistema. Ou se tomamos como exemplo um indivíduo humano como sistema, acontecimentos em sua vida alimentar não vão ser não alteram totalmente a vida sexual, por exemplo. Existe uma certa compartimentalização que é necessária para a economia total do sistema. Uma das compartimentalizações mais cruciais para a vida humana é conexão semipermeável entre a consciência e o restante da mente total. A consciência poderia ser comparada a uma tela de televisão. O que está presente na tela é apenas uma parte do que acontece no sistema total, e, logicamente não poderia estar representado na tela. Assim como a televisão não mostra os processos que ocorrem no processo de televisão como um todo. A inclusão de mais uma parte do processo implica em um incremento da complexidade dos circuitos, o que não significaria que a consciência estaria percebendo mais do sistema total, já que para que este novo circuito aparecesse, mais outros foram incluídos no processo total. Mas como são selecionados os eventos ou partes do sistema total que estarão presentes na consciência? Em nossa cultura ocidental esta seleção é guiada por propósitos lineares. “A pequena seleção da mente que aparece na tela da consciência é em sua maior parte, pedaços e fragmentos de nossos propósitos. Estes fragmentos que aparecem na consciência invariavelmente nos dão uma falsa visão da mente como um todo (...). Nós nunca vemos na consciência que a mente é como um ecossistema – uma rede de circuitos autocorretivos. Os cientistas tomam erradamente a parte pelo todo, considerando que o que é visto pela consciência tem o caráter da mente como um todo.”²² Toda a nossa percepção consciente é dominada pela idéia de propósito. Então ele pergunta: O que acontece com um sistema cibernético seja ele uma floresta ou um organismo qualquer quando a figura que temos dele é desenhada para responder apenas perguntas sobre propósito? A consciência para Bateson está organizada em termos de propósitos. Ou seja, de como chegar aonde queremos chegar pelo caminho mais linear possível. Ele nos traz dois exemplos. O primeiro da Medicina. Quando os médicos resolvem que seria bom livrar a humanidade do câncer ou da pólio ou de qualquer destas pragas dedica anos de estudo e dinheiro focalizando o problema. Então em algum momento alguém descobre como resolver o problema. Por exemplo, uma vacina que dará às crianças e que impedirá que elas tenham pólio. Neste momento em que resolveram o problema da pólio eles cessarão seus esforços sobre este problema e

passarão a se dedicar a outro. A Medicina terminará assim por ser uma ciência de inventar diversas soluções para diversos problemas. Dentro desta ciência existe pouquíssimo espaço para o conhecimento sobre o tipo de coisas sobre os quais Bateson fala, ou seja, a natureza sistêmica do corpo como um todo. Ou em suas palavras: “o corpo como um sistema autocorretivo, ciberneticamente organizado. O pensamento centrado em propósitos determina o que entrará na consciência da ciência médica. O tipo de conhecimento assim construído não é de forma alguma dispensável, porém não temos nenhum conhecimento sobre o funcionamento do organismo como um todo e não considerando isto podemos afetar o sistema mais amplo de interações de forma a perturbar a ecologia do sistema, gerando mudanças exponenciais. A consciência operando por propósitos é um atalho para capacitar-nos a chegar rapidamente aonde queremos, não a agirmos com o máximo de sabedoria para a vida, mas a tomar o caminho mais rápido seja ele causal ou lógico para nosso próximo desejo, que pode ser o jantar, ou sexo, dinheiro ou poder”²³. E, o que mais preocupava Bateson, e que hoje temos alguns bons exemplos, é a adição da tecnologia moderna a esta forma de pensar. Isto implica em um crescimento enorme do poder da consciência operada por propósitos e gerando cada vez mais rápidos e graves distúrbios na ecologia do nosso corpo, de nossa sociedade ou do meio ambiente em que vivemos. Para Bateson a falta de sabedoria sistêmica é sempre punida. E, então nos oferece um mito como 2º. exemplo do que pretende dizer:

“Era uma vez um jardim. Ele continha muitas centenas de espécies – provavelmente subtropical – vivendo em grande fertilidade e equilíbrio, com húmus suficiente, etc. Neste jardim viviam dois antropóides que eram mais inteligentes que os outros animais. Em uma das árvores havia uma fruta, muito alto, que os antropóides eram incapazes de alcançar. Então eles começaram a pensar. E, este foi o erro. Eles começaram a pensar com um propósito.

De quando em quando o antropóide macho, seu nome era Adão, buscou um caixote vazio e colocou embaixo da árvore. Subiu nele e descobriu que ainda não podia alcançar a fruta. Então buscou outro caixote e colocou em cima do primeiro. Subiu nos dois caixotes e conseguiu alcançar a maçã.

Adão e Eva ficaram quase embriagados de excitação. Esta é a maneira de fazer as coisas. Fazer um plano: ABC e então você consegue D. Então eles começaram a se especializar em fazer as coisas planejadamente. Desta forma, expulsaram do jardim o conceito de sua natureza sistêmica e da natureza sistêmica do todo.

Assim, expulsaram Deus do paraíso. Uma vez que fizeram isto, se puseram a trabalhar sério no assunto do propósito e logo, logo a capa que recobria o solo desapareceu. Depois disto, várias espécies de plantas se converteram em “daninhas” e alguns dos animais se converteram em “pestes” e Adão descobriu que a agricultura era um trabalho muito mais duro. Teve que ganhar o pão com o suor de sua frente, e disse: “É um Deus vingativo, nunca devia ter comido esta maçã.”

Depois de desalojarem Deus do jardim também se produziu uma mudança qualitativa na relação de Adão e Eva. Eva começou a não gostar tanto dos assuntos ligados a sexo e à reprodução. Cada vez que estes fenômenos bastante básicos irrompiam em sua nova e planejada maneira de viver, que agora se transformara em teleológica, se lembrava da vida mais ampla que havia chutado a pontapés do jardim. Eva então começou a se ressentir do sexo e da reprodução. Quando chegou o momento do parto, ela achou todo o processo muito doloroso. Disse que, também isto, devia-se à natureza vingativa de Deus. Até escutou uma voz que dizia: “Com dor parirás!”, e “Teu desejo será para teu marido e ele te dominará” A versão bíblica desta história, na qual me inspirei largamente, não explica a extraordinária perversão de valores através da qual a extrema capacidade feminina para o amor chega a parecer uma maldição infligida por Deus.

Adão seguiu perseguindo seus propósitos e por fim inventou o sistema de livre empresa. A Eva, durante muito tempo, não se permitiu participar disto, porque era uma mulher. Mas, se associou a um clube de bridge e ali encontrou uma válvula de escape para seu ódio.

Na geração seguinte, tiveram outra vez problemas com o amor. A Caim, inventor e inovador, Deus disse: “Teu será o desejo dele (de Abel) e tu o dominarás”. E então, Caim matou Abel.”²⁴

Em outra conferência, a famosa Werner Green conference, onde foi o organizador em 1969, e que foi transformada em livro por sua filha: “Our own metaphor”²⁵, Bateson continua trabalhando sobre os “Efeitos do propósito consciente na adaptação humana”, título de sua conferência.

A orientação por propósitos ignora a natureza sistêmica do vivo porque acredita que uma parte do sistema total pode controlar o todo. Bateson chamava isto de filosofia científica arrogante e propunha em seu lugar a humildade, não como princípio moral, mas como epistemologia. Bateson acreditava firmemente que a mudança era a mudança na forma de pensar. E, se a seleção do conteúdo da consciência era determinado por propósitos, por exemplo, ela mesma era conectada ao restante da mente, portanto tem

influência e um caminho de retroalimentação de mão dupla. Entre a mente total e a consciência e entre esta e a mente total. Outros fatores, além da humildade de compreender-se como parte de um todo maior, podem atuar como corretivos da curva exponencial que pode ser desencadeada pela ação no meio ambiente derivada apenas do pensamento com propósitos. O mais importante deles seria o amor. Segundo ele no sentido de Martin Buber das relações eu-tu, diferentes das relações eu-coisa (I-it). Esta diferença inclui o respeito pelo outro enquanto ser vivo e diferenciado. “O amor é contrário ao senso comum porque envolve a mente sistêmica total. Além disto, a arte, a poesia, a música e todas as atividades em que mais partes da mente estão ativas do que a consciência poderia suportar”. A crença de que um “excesso de consciência” era prejudicial para a “cura” de certos males sociais também era a posição de Bateson. Nem sempre é o melhor que a mão direita saiba o que a esquerda está fazendo, pois o conhecimento consciente rapidamente transforma-se em ações. “Pode-se comprovar que para que certos processos se produzam e certos processos se desenvolvam não é necessário ser consciente de sua ocorrência, já que toda consciência de tais processos ou sucessos conduz inevitavelmente a colocá-los em um marco de intencionalidade que não faz outra coisa que não suspender seus efeitos.” O homem tem um entusiasmo pela ação. Muitas destas idéias a caminho da síntese do processo mental vieram das atividades anteriores na Guerra e mesmo na psiquiatria. Bateson havia, nestas duas experiências, ficado muito pessimista em relação à ação do homem para resolver problemas baseados em suas intenções mais imediatas. E, passou a acreditar e defender que nem sempre é bom um incremento de consciência, mas ao contrário um incremento de atividades e formas de funcionar que estimulem mais o lado esquerdo do cérebro em que as coisas não eram transformadas rapidamente em narrativas em prosa, mas em coisas não rapidamente explicáveis em processos mais invisíveis e com menos intervenção no meio ambiente. Outros corretivos possíveis seriam o contato do homem com a Natureza e com os animais, sábios em lidar com a natureza sistêmica da Natureza. E, a religião. A religião segundo Bateson foi uma das primeiras formas que o homem criou de lidar com o abismo entre a consciência e o resto da mente e com o dualismo mente-corpo. Diz ele continuando aquela carta ao amigo: “Algo tinha que ser feito sobre esta divisão inata entre a consciência e o resto da mente, porque a consciência deixada ao léu sempre pode prejudicar as relações humanas. E eu digo que o que eles fizeram na velha Idade da Pedra para lidar com esta divisão foi religião”. Assim podiam estar sempre em contato com a idéia de que eram apenas parte do todo e

que a consciência era apenas parte da parte que eram do todo. Em outra carta desta vez a Warren Mc Culloch, no período em que organizava a Werner Green Conference diz: “Eu sugiro que uma das coisas que o homem tem feito através dos tempos para corrigir seus propósitos míopes é imaginar entidades personificadas com vários tipos de poderes sobrenaturais – deuses. Os deuses podem ser vistos como modelos cibernéticos construídos dentro de sistemas cibernéticos maiores para corrigir a computação não cibernética de uma parte do sistema. O Pecado Original foi a descoberta do propósito planejado.” E, mais adiante afirma: “Penso que a idéia que esbocei acima é a maior coisa com a qual me deparei até agora”²⁶. Vocês podem imaginar que para um cientista falar destas coisas, da necessidade de um não saber, de não intervir, de não tentar resolver problemas e confiar nos processos auto-corretivos dos sistemas é no mínimo extravagante. E mais ainda colocar no meio da ciência a religião, o sagrado, etc.

“Se olho pra alguém que está ao meu lado, a imagem que se forma em meu cérebro não coincide necessariamente com o que é, mas como não tenho consciência de como se forma a imagem, sinto que verdadeiramente vi esta pessoa. Mesmo que tivesse lido Kant, ou Bateson, isto não mudaria em nada. Nossa capacidade de atuar de acordo com os dados dos sentidos depende de nosso inconsciente. Se fôssemos conscientes de todos os nossos processos internos implicados na percepção, provavelmente seríamos incapazes de reagir às sensações”²⁷.

Como pudemos ver durante todo o dia de hoje, Bateson pensava em relações. Mas, como diz Mary Catherine, em seu prefácio a nova edição de Steps: “Mesmo com o atual progresso nas teorias do caos e da complexidade, permanecemos menos habilidosos para pensar sobre interações do que somos para pensar em coisas e entidades”²⁸. Muitas de suas idéias apareceram depois de sua morte como partes de outros corpos de conhecimentos conhecidos como pós-modernos, construtivismo, construcionismo social, autoorganização e cibernética de segunda ordem. Todos eles também trazendo a preocupação ética derivada da adoção de uma epistemologia recursiva. E, como Bateson acreditava, acreditam que um mundo melhor implica basicamente em uma mudança de padrões de pensamento.

A preocupação de todos parece não estar fora de lugar. Hoje em dia qualquer aluno sabe que a ecologia é algo a ser respeitado. Mas os hábitos de pensamento Bateson condenava estão presentes a cada momento, nos jornais, especialmente nas buscas de soluções rápidas para os problemas e na violência para resolver a violência. O foco no indivíduo, a tendência a deixar a tecnologia e os indicadores econômicos a substituírem

a reflexão, a tendência a maximizar variáveis isoladas, mais do que a otimizar a relação entre um conjunto complexo de variáveis. A epistemologia é a nossa forma de relação com o mundo. Qualquer mudança epistemológica é uma mudança na dinâmica relacional. Esta é a dimensão ética do trabalho. Somos responsáveis por como construímos o mundo e a nós mesmos. Não temos uma natureza humana em si, mas geramos nossa natureza humana em nossas práticas sociais.

Bateson era muito pessimista e segundo sua filha no fim de sua vida tinha um sentido de urgência. Parece que um novo ar de tentativas, pelo menos, de pensar diferente ainda existe, senão não estaríamos aqui e muitos outros intentos de mudar o pensamento humano não estariam acontecendo. Bateson achava que o melhor que poderíamos fazer era disseminar idéias, tentar mostrar outra forma de pensar.

Certamente Bateson é um autor que revolucionou a minha forma de pensar. Todas estas idéias que compartilhei com vocês agora são importantes para meu trabalho com as relações e para minha vida em relação com outros e com meu meio ambiente. Aproximar-me do sagrado, da ética, da estética do processo da vida, são norteadores para o meu cotidiano. São ares novos. Muitas vezes marginais, minoria, contra-corrente, mas tento não esquece-los com a mais genuína convicção. E, para terminar gostaria de citar a ele mesmo em uma passagem que o organizador de sua obra nos Arquivos Gregory Bateson cita em sua introdução ao livro póstumo *A Unidade Sagrada*²⁹. Acho que ouvindo sua voz podemos encerrar com uma importante reflexão.

“Por último está a morte. É compreensível que em uma civilização que separa a mente do corpo tratemos de esquecer-nos da morte ou de criar mitologias sobre a sobrevivência da mente transcendente. Mas se a mente é imanente, não só aos caminhos de informação que estão situados no interior do corpo, mas também nos caminhos exteriores, logo a morte assume um aspecto diferente. O nexos individual de caminhos que chamo ‘eu’ já não é tão precioso porque este nexos é só parte de uma mente mais ampla. As idéias que pareciam ser ‘eu’ também podem chegar a ser imanentes em vocês. Oxalá perdurem, se verdadeiras”.

Assim seja. Obrigada.

¹ Bateson, M.C. - With a daughter's eye. New York: Washington Square Press, 1984.

² Winkin, Y.(1988) – Bateson: primer inventario de una herencia. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1991.

³ Bateson et al. – Towards a Theory of Schizophrenia. In: Steps to an Ecology of Mind. New York: Ballantine Books. 1972.

⁴ Idem.

⁵ Bateson, G. - Conscious Purpose versus Nature. Op. cit.

⁶ Bateson, G. - Effects of conscious purpose on Human adaptation. Op.cit.

⁷ Bateson, G. – Mind and Nature, New York: Balantine Books, 1978.

⁸ Bateson, G. e Bateson, M.c. Angel's Fear. New York: bantan Books, 1988.

⁹ Winkin, Y.(1988) – Bateson: primer inventario de una herencia. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1991.

¹⁰ Dell, P. – Understanding Bateson and Maturana: toward a biological foundation for social sciences. Journal of marital and Family Therapy. 11(1), 1985.

¹¹ Bateson, Mary Catherine. Prefácio para Bateson, G. Steps to na echology of mind, University of Chicago, 2000.

¹² Idem

¹³ idem.

¹⁴ Bateson, G. – Mind/Body dualism conference – invitational paper. Co-evolutionary quarterly, fall 1976.

¹⁵ Bateson, G. - Form, Substance and Difference. In: Steps to an Ecology of Mind. New York: Ballantine Books, 1972.

¹⁶ verificar

¹⁷ Bateson, G. – Mind/Body dualism conference – invitational paper. Co-evolutionary quarterly, fall 1976.

¹⁸ idem

¹⁹ ver ref.

²⁰ Bateson, G. e Bateson, M.c. Angel's Fear. New York: Bantan Books, 1988.

²¹ Bateson, G. - Conscious Purpose versus Nature. Op. cit.

²² idem

²³ idem

²⁴ idem

²⁵ Bateson, M.C. – Our own metaphor. Washington: Smithonian Institution Press, 1972.

²⁶ Donaldson, Rodney(org.) - They threw God out of the garden: letters from Gregory bateson to Philip Wylie and Warren Mc Culloch. Coevolutionary Quarterly, winter, 1982.

²⁷ idem

²⁸ Bateson, Mary Catherine. Prefácio para Bateson, G. Steps to an echology of mind, University of Chicago, 2000.

²⁹ Bateson, G. – A Sacred Unity: further steps to an ecology of mind. Ed. Rodney Donaldson. New York: Harper Collins Publishers, 1991.